

**PELO SILÊNCIO NA CELEBRAÇÃO EUCARÍSTICA  
PARTICIPAMOS DO MISTÉRIO PASCAL**

*THROUGH SILENCE IN THE EUCHARISTIC CELEBRATION  
WE PARTICIPATE IN THE PASCHAL MYSTERY*

*Rodrigo José Arnoso Santos\**

**RESUMO:** Os novos livros litúrgicos, no processo de renovação e reforma dos *ritus et preces*, para a celebração dos sacramentos e sacramentais, em vista da participação ativa e consciente de toda a assembleia celebrante, buscou evidenciar o silêncio como parte essencial da ação ritual. Este gesto até então esquecido pela prática litúrgica, passa a ser apontado agora, como caminho mistagógico, que oferece ao corpo celebrante, experienciar o Mistério Pascal, que a comunidade eclesial é exortada a celebrar e atualizar em cada encontro celebrativo. Entretanto, propor o silêncio como meio de participação na celebração, não é uma tarefa muito fácil. Mas para nos encontrarmos com o Mistério, faz-se mister silenciar-se, com o escopo de dar espaço para que a Palavra viva e eterna do Pai, possa agir entre nós. Desse modo, o escopo do nosso estudo é o de registrar a importância do silêncio como gesto ritual, na celebração da eucaristia.

**Palavras-chave:** Silêncio; liturgia; eucaristia; mistagogia; mistério.

**ABSTRACT:** *The new liturgical books, in the process of renewing and reforming the ritus et preces for the celebration of the sacraments and sacramentals, with a view to the active and conscious participation of the entire celebrating assembly, sought to highlight silence as an essential part of the ritual action. This gesture, previously overlooked in liturgical practice, is now highlighted as a mystagogical path, offering the celebrating body the opportunity to experience the Paschal Mystery, which the ecclesial community is exhorted to celebrate and renew in each celebratory gathering. However, proposing silence as a means of participating in the celebration is not an easy task. But to encounter the Mystery, it is essential to be silent, with the aim of making space for the living and eternal Word of the Father to act among us. Thus, the scope of our study is to record the importance of silence as a ritual gesture in the celebration of the Eucharist.*

**Keywords:** *Silence; liturgy; Eucharist; mystagogy; mystery.*

---

\* Presbítero da Congregação do Santíssimo Redentor. Doutor em Teologia Cristã pela PUC-SP e Mestre em Sagrada Liturgia pelo Pontifício Instituto Litúrgico di Roma, Ateneo Sant'Anselmo. É Membro do Grupo de Pesquisa Teologia Litúrgica e Inteligência Senciente da PUC-SP. Auxilia na coordenação do Grupo de Pesquisa Estudos das Fontes Litúrgicas do ITESP. Docente de Liturgia e Teologia Sacramentária no Instituto São Paulo de Estudos Superiores (ITESP) e no Centro Universitário Salesiano de São Paulo (UNISAL). É secretário-executivo da Associação dos Liturgistas do Brasil – ASLI. Tem algumas pesquisas publicadas em livros, Revistas Acadêmicas e Anais de Congressos.

## INTRODUÇÃO

Em um mundo marcado por tantos rumores, abordar o tema do gesto ritual do silêncio litúrgico, não se configura como uma tarefa muito fácil. Entretanto, o desafio que o problema apresenta a nós, nos faz pensar na sua importância e no sentido que ele assume como parte da ação litúrgica. Para muitos, o silêncio em uma Celebração Eucarística ou dos demais sacramentos é compreendido como ausência de organização por parte da Equipe de Liturgia. Porém, para nós o silêncio é o fio de ouro que tem por tarefa auxiliar a assembleia celebrante na assimilação do Mistério Pascal, que deve envolver todo o Corpo de Cristo, reunido para celebrar.

A vivência do silêncio na liturgia é sempre inteligida como um pertinente caminho mistagógico, que aos poucos nos faz participantes do mistério que estamos celebrando. Esta compreensão do silêncio se faz ver nos novos livros litúrgicos, quando o mesmo é evidenciado, como parte da ação ritual. Assim sendo, o silêncio é acolhido como oração. Diálogo fecundo entre Deus, que se revela de forma Una e Trina e o ser humano orante.

Diante do desafio de tratarmos do exercício para a vivência do silêncio na ação ritual, nos debruçaremos sobre o modo como somos chamados a experimentá-lo na Celebração da Eucaristia, por meio dos ritos e preces. Certos de que, para vivê-lo, devemos investir na formação litúrgica de nossas assembleias celebrantes, o caminho que desejamos seguir é o seguinte: partiremos do silêncio que nos introduz na celebração eucarística, depois faremos ver como devemos experimentá-lo na Liturgia da Palavra, para compreendermos a sua vivência durante a Liturgia Eucarística, a fim de percebermos o quanto ele nos ajuda a entender o que nos cabe fazer, quando no encerramento da missa, somos enviados em nome do mesmo Deus que nos convocou e nos reuniu em assembleia, para celebrar o Mistério de nossa fé. Percorreremos esta estrada ajudados pela *Sacrosanctum Concilium* e outros documentos que auxiliaram na reforma e renovação da vida litúrgica da Igreja.

### 1. O SILÊNCIO QUE NOS INTRODUZ NA CELEBRAÇÃO DO MISTÉRIO PASCAL

Entre as muitas riquezas da reforma e renovação da liturgia, engendradas pelo Concílio Vaticano II, encontra-se o resgate do gesto litúrgico do silêncio. Da *Sacrosanctum Concilium*, passando pela Instrução Geral do Missal Romano e as outras Introduções aos livros litúrgicos o gesto de silenciar-se, será evidenciado, como uma

forma salutar de participação ativa, consciente, plena e frutuosa nas ações litúrgicas, empreendidas pelo corpo celebrante. Os ritos reformados e renovados testemunham através da sua *ars celebrandi* a valiosa importância da vivência do silêncio, durante a celebração dos sacramentos e sacramentais. Tal indicação deve despertar na comunidade que se congrega para celebrar e atualizar o Mistério Pascal, a consciência de que este gesto é parte integrante dos ritos. Se é o silêncio uma ação ritual, com Grillo podemos afirmar: “Pelo rito, a Igreja e o cristão recebem a si mesmos, e nele encontram, no modo mais íntimo, o Senhor Jesus”.<sup>1</sup>

Nesta nossa primeira abordagem sobre o gesto do silêncio, vamos nos ater a observar a sua vivência durante os ritos iniciais. Estes ritos têm por escopo congregar os membros da comunidade eclesial, que convocados por Deus, em Cristo e no Espírito são exortados a celebrar e atualizar, *per ritus et preces*, o mistério da nossa salvação. Nesta primeira parte da celebração, podemos evidenciar três momentos de silêncio a saber: O silêncio que congrega, o silêncio penitencial e o silêncio que nos prepara para a recitação da oração coletiva. Estes três momentos nos fazem passar dos rumores externos, para alcançarmos o silêncio interior. A partir daqui somos preparados para a compreensão e vivência do Mistério, que a liturgia nos convida a celebrar. Por isso, com Guardini podemos afirmar:

A liturgia ensina-nos, em primeiro lugar, que o pensamento é a base indispensável da oração coletiva. A oração litúrgica é inteiramente dominada e compenetrada pelo dogma. Quem não possui ainda a experiência desta oração, sente por vezes a impressão de se encontrar diante de fórmulas doutrinárias tiradas da teologia, até ao momento em que penetra profundamente na plenitude de emoção dessas fórmulas cristalinas, translúcidas e expressivas.<sup>2</sup>

De muitos lugares chegamos para celebrar o mistério da nossa fé. Mesmo pertencendo a uma mesma comunidade eclesial, temos histórias de vidas diferentes. Por isso, trazemos na mente e no coração alegrias e tristezas, súplicas e agradecimentos, vitórias e derrotas entre outras situações, a serem celebradas. Ao nos dirigirmos a igreja, nos colocamos a caminho e à disposição para formarmos um corpo celebrante. “Com efeito, todos são convidados a entrar no espaço litúrgico onde Jesus acolhe, na única mesa do Pão e da Palavra, pessoas de diversas idades e condições”.<sup>3</sup> Desse modo, a reunião da

---

<sup>1</sup> GRILLO, Andrea. *Ritos que educam*. Os sete sacramentos. Brasília: CNBB, 2017, p. 47.

<sup>2</sup> GUARDINI, Romano. *O Espírito da Liturgia*. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2017, p. 15.

<sup>3</sup> CONFERÊNCIA EPISCOPAL ITALIANA. *Um missal para as nossas assembleias*: a Terceira Edição do Missal Romano. Brasília: CNBB, 2024, p.25.

assembleia é expressão visível do corpo de Cristo, que no Espírito faz chegar ao Pai o seu louvor.

Antes de chegarmos ao lugar da celebração, somos um povo disperso. Pessoas envolvidas em muitas atividades, que não permitem silenciar e conseqüentemente a nos encontrarmos verdadeiramente com Deus. Assim sendo, o primeiro gesto de silêncio que vivemos na liturgia é aquele que nos congrega. Neste ponto já podemos afirmar: “A eucaristia, coração e centro de toda a vida litúrgica da Igreja, é um autêntico acontecimento relacional: o dom de Deus e a ação do homem se entrelaçam para que se realize um encontro autêntico”.<sup>4</sup>

A renovação e a reforma dos ritos para a celebração da eucaristia vêm contribuindo para ampliar entre os cristãos, a consciência de que um ato celebrativo é sempre comunitário, mesmo que forças contrárias procurem negar tal princípio. Os primeiros testemunhos sobre os encontros semanais da comunidade no oitavo dia da semana, para a celebração do memorial da Páscoa do Senhor, já nos descrevem a reunião de um grupo de pessoas iniciadas que escutam, meditam, rezam a Palavra de Deus e que partilham do pão e do vinho, sobre o qual se rezou a oração de ação de graças.<sup>5</sup> Os textos não nos falam diretamente sobre o silêncio na ação litúrgica, mas certamente os primeiros discípulos o viviam, e conseguiam entrever nele um caminho de encontro com o Ressuscitado. “A celebração eucarística se apresenta como um campo de aprendizagem para exercitar a aptidão de agir em conjunto, sem manipulações de quem quer que seja”.<sup>6</sup>

Em tempos hodiernos, a importante preocupação com a formação do povo de Deus na e pela liturgia, coloca em evidência a necessidade do silêncio, ao nos congregarmos para a oração comum, que é a eucaristia, “fonte e cume de toda a vida cristã”.<sup>7</sup> Este gesto inicial de silêncio, nos conduz ao espaço sagrado. Nos auxilia na experiência da passagem do mundo dos rumores, para o espaço do encontro com o Senhor, a fim de compreendermos que, o que estamos para viver e celebrar não nos faz cegos a nossa realidade, pelo contrário nos exorta a contemplá-la, com os olhos do

---

<sup>4</sup> Ibid, p. 12.

<sup>5</sup> JUSTINO DE ROMA. *I e II Apologias – Diálogo de Trifão*. São Paulo: Paulus, 2013, p. 83.

<sup>6</sup> CONFERÊNCIA EPISCOPAL ITALIANA. *Um missal para as nossas assembleias*: a Terceira Edição do Missal Romano, p. 24.

<sup>7</sup> CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Constituição Conciliar *Sacrosanctum Concilium* sobre a Liturgia da Igreja. São Paulo: Paulus, 2007, n.10.

Mistério Pascal, que celebraremos por meio dos sinais, palavras, gestos e símbolos próprios da liturgia.<sup>8</sup>

A vivência deste silêncio que antecede a celebração deve despertar em nós o desejo de uma participação ativa, que nasce da consciência de que somos um povo sacerdotal. Como membros deste povo que celebra, não podemos viver a ação litúrgica de qualquer forma. É preciso se colocar à disposição, e no Espírito viver a ritualidade própria da celebração, como caminho que nos leva ao coração do Mistério. Todo este caminho preparatório é vivido a partir do silêncio, que nos lança na oração. Esta oração propicia um encontro entre Deus, seus filhos e os irmãos. Por isso, aqui podemos asseverar: “Neste encontro são reunidos e envolvidos todos os sentidos do crente, em uma progressão que vai do ver à escuta, até ao contato mais íntimo que se dá na experiência do comer e beber”.<sup>9</sup>

Este silêncio que congrega é rompido pela primeira ação ritual da Celebração Eucarística, que é o canto inicial. Este nos faz cômicos de que não nos reunimos por nós mesmos, mas é o Pai que nos convoca, através do Filho, no Espírito a formarmos uma assembleia celebrante.<sup>10</sup> A uma só voz, como corpo eclesial cantamos o Mistério, que somos exortados a celebrar no tempo, com o escopo de vivermos a passagem do *cronos* para o *kairós*. Este canto ajuda a tornar visível a consciência de que a assembleia reunida é expressão do povo de Deus. “No coração da renovação realizada pelo Concílio Vaticano II, sobretudo nas suas grandes constituições, encontramos a recuperação e a reinserção do povo de Deus na vida da Igreja”.<sup>11</sup>

O canto inicial nos faz tomar consciência de que precisamos tirar as nossas sandálias, pois o lugar que estamos é santo, e nele somos também motivados a sermos santos. Acolhidos pela Trindade, por meio da voz daquele que preside em Cristo, revestido do Espírito a assembleia celebrante, recebemos o convite para vivermos o ato

---

<sup>8</sup> FRANCISCO. Carta Apostólica *Desiderio Desideravi* sobre a formação do Povo de Deus. Brasília: CNBB, 2022, n. 21.

<sup>9</sup> CONFERÊNCIA EPISCOPAL ITALIANA. *Um missal para as nossas assembleias*: a Terceira Edição do Missal Romano, p. 42.

<sup>10</sup> CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Instrução Geral do Missal Romano*. Brasília: CNBB, 2023, n. 47.

<sup>11</sup> PASOTI, Ezechiele. *O esplendor da liturgia cristã*. Do Concílio de Trento ao Concílio Vaticano II. O desafio de uma nova pastoral à luz da Carta Apostólica *Desiderio desideravi* do Papa Francisco. São Paulo: CERM-Loyola, 2025, p. 67.

penitencial, após breve monição que nos contextualiza no significado da celebração, que apenas começou.<sup>12</sup>

Estamos para celebrar um grande Mistério. Nele está a síntese de toda a fé cristã. Desse modo, é preciso rever a vida, e sobretudo, tomar consciência daquilo que ainda precisa ser superado, com o escopo de nos tornarmos santos, como o nosso Pai é Santo. Logo após a exortação para o momento do ato penitencial, somos convocados a um breve momento de silêncio, que nos convida a revisitar o coração misericordioso de um Deus que vê, senti, desce e socorre o seu povo. “O silêncio do ato penitencial é um silêncio intenso, austero, severo.”<sup>13</sup> É um silêncio que nos lança num encontro real com o Pai das Misericórdias.

O silêncio no momento do ato penitencial nos faz cômicos de que necessitamos da misericórdia de Deus. Pois exercitados nela, nos tornamos verdadeiros discípulos-missionários, comunicadores de um amor que não se esgota, mas que nos chama sempre a urgência da prática do mandamento do amor, como caminho seguro para a conquista do Reino. Mesmo que breve, o silêncio neste momento, nos desperta para uma vida segundo a vida de Cristo. Estamos quase para nos alimentar da Palavra do Senhor, do seu corpo e sangue, mas antes de participarmos deste banquete é preciso abandonar o coração de pedra e acolher o de carne, que o Pai deseja fazer pulsar em nosso peito. Aqui o silêncio é rompido pela oração recitada ou cantada, que nos lança nas mãos de Deus, para que Ele modele nossas vidas, como o oleiro modela o barro. “Antes de ver alguém ou alguma coisa, olhamo-nos juntos com nossos irmãos e irmãs na fé; reaviva-se a memória de que a fé – como a vida – nasce da comunhão e tende à comunhão; colocamo-nos diante do olhar do Senhor misericordioso.”<sup>14</sup>

Ainda nos ritos iniciais recordamos do silêncio que somos chamados a viver com a motivação por parte do presidente da assembleia, para a recitação da oração coletiva, que será feita por ele, em nome de todo o corpo celebrante. Em muitas celebrações, vemos que este gesto quase que passa despercebido, pois muitas vezes ele é ocupado pela leitura de uma lista infindável de intenções. O silêncio prescrito neste momento nos ajuda a fazer memória de tudo aquilo que queremos celebrar, como parte de um corpo eclesial.<sup>15</sup> A

---

<sup>12</sup> CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Instrução Geral do Missal Romano*. Brasília: CNBB, 2023, n. 50.

<sup>13</sup> BOSELLI, Goffredo. *O sentido espiritual da liturgia*. Brasília: CNBB, 2017, p. 46.

<sup>14</sup> CONFERÊNCIA EPISCOPAL ITALIANA. *Um missal para as nossas assembleias: a Terceira Edição do Missal Romano*, p. 42.

<sup>15</sup> CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Instrução Geral do Missal Romano*, n. 54.

oração coleta, nos introduz no tempo e no Mistério que a liturgia nos convida a celebrar.

Como afirma Buccioli:

Muito grande é a riqueza teológica e espiritual dessas orações; elas oferecem assuntos para reflexão homilética e são alimento espiritual para os fiéis. Recomenda-se que a coleta e as demais orações sejam pronunciadas com alma, “de tal maneira que assembleia possa seguir suas palavras e unir-se com o sacerdote nessa oração”.<sup>16</sup>

Este momento memorial, cada um o vive no recolhimento pessoal, mas ao mesmo tempo de forma comunitária. O Mistério que estamos celebrando é grandioso. Não adentramos nele de qualquer forma. De tempo em tempo deixamos calar a nossa voz, para que a voz do Senhor ecoe profundamente em todo o nosso ser, já que somos chamados a celebrar com todos os nossos sentidos e o corpo.

O silêncio nos ritos iniciais é como um fio de ouro que vai costurando todas as partes que o compõem. Através dele superamos o mundo dos rumores, entramos no espaço sagrado e nos dispomos a celebrar a Mistério da nossa fé. Ele nos introduz na ritualidade própria da celebração eucarística e nos ajuda a viver a ação celebrativa como escola primeira de espiritualidade cristã, que nos ajuda a entrar, sentir e viver o Mistério, que deve alimentar toda a nossa vida de anunciadores da Palavra do Senhor.

## 2. ESCUTA POVO SANTO O QUE O SENHOR DESEJA FALAR

Na Constituição Conciliar *Sacrosanctum Concilium*, ao tratar da reforma e renovação da liturgia os padres conciliares evidenciaram a importância do anúncio da Palavra de Deus, nas ações litúrgicas da Igreja. Além disso, ressaltaram também a urgente necessidade de oferecer, aos membros da comunidade eclesial, um maior acesso a esta Palavra, através da sua abundante proclamação, em meio a assembleia reunida para celebrar o Mistério da nossa fé.<sup>17</sup> Tal indicação, emerge de uma consciência de que não é possível dissociar liturgia e bíblia. Deste ponto, podemos afirmar que, aquilo que encontramos registrado nas Sagradas Escrituras, na ação litúrgica é atualizado pela *Ecclesia orans*. Neste sentido, “a Palavra de Deus se revela palavra congregante, é de fato o *davar*, que não retorna ao Senhor sem resultado, sem ter realizado aquilo para o qual foi enviado (Is 55,11)”.<sup>18</sup>

---

<sup>16</sup> BUCCIOL, Armando. *Os sinais e símbolos, gestos e palavras na liturgia: para compreender e viver a liturgia*. Brasília: CNBB, 2019, p. 80.

<sup>17</sup> CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Constituição Conciliar *Sacrosanctum Concilium* sobre a Liturgia da Igreja, n. 51.

<sup>18</sup> BOSELLI, Goffredo. *O sentido espiritual da liturgia*. Brasília: CNBB, 2017, p. 107.

A importância da proclamação da Palavra de Deus na liturgia, recuperada a partir dos ensinamentos conciliares, fez nascer, ao lado do Missal Romano de 1970, o livro próprio a ser utilizado pelo presidente da assembleia: os lecionários dominical, ferial e para a celebração dos santos e outras circunstâncias. Em três volumes, podemos encontrar um rico elenco de leituras que nos ajudam a acessar os múltiplos tesouros da Palavra do Senhor, que ao ser proclamada no seio de uma assembleia, já nos revela um dos modos de Cristo se fazer presente na liturgia.<sup>19</sup> “Na assembleia, as Escrituras proclamadas ressuscitam como Palavra de Deus que interpela uma comunidade de fiéis em escuta, de modo que se tornam palavra dirigida, proclamada, criadora de comunidade.”<sup>20</sup>

Nos últimos tempos, constata-se um valoroso trabalho formativo daqueles que, na ação litúrgica, exercerão o ministério da proclamação da Palavra. Aquele que proclama a leitura empresta a sua voz a Cristo, a fim de que o Pai possa comunicar-se com a assembleia, por Ele mesmo reunida e que Ele deseja formar por meio da Palavra proclamada. Nesta ação, “a voz do leitor pertence, portanto, de modo constitutivo, ao texto. É tarefa do leitor, fazer com que sua voz seja serva da ‘voz escrita’”.<sup>21</sup>

A proclamação desta Palavra deve ser feita de modo audível; por isso, exige técnica e preparo, que antecedem a própria celebração. Preparar-se para o exercício deste ministério na liturgia é algo de fundamental importância, pois, “todos os cristãos, que pelo batismo e a confirmação no Espírito se convertem em mensageiros da Palavra de Deus, depois de receberem a graça de escutar a Palavra, devem anunciá-la na Igreja e no mundo, ao menos com o testemunho de suas vidas.”<sup>22</sup>

Introduzidos no Mistério que somos convidados a celebrar por intermédio dos ritos iniciais, chegamos à Liturgia da Palavra. Entre as muitas formas de participação deste momento da celebração, está o silêncio, que nos exercita na capacidade de escutar o Senhor que deseja nos falar. “Para que a Palavra de Deus realmente produza nos corações aquilo que se escuta com os ouvidos, requer-se a ação do Espírito Santo, por cuja inspiração e ajuda a Palavra de Deus se converte no fundamento da ação litúrgica e em norma e ajuda de toda a vida”.<sup>23</sup> É próprio deste momento a atitude de recolhimento,

---

<sup>19</sup> CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Constituição Conciliar *Sacrosanctum Concilium* sobre a Liturgia da Igreja, n. 7.

<sup>20</sup> BOSELLI, Goffredo. *O sentido espiritual da liturgia*, p. 108.

<sup>21</sup> BOSELLI, Goffredo. *O sentido espiritual da liturgia*, p. 75.

<sup>22</sup> CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Introdução ao Lecionário*. Brasília: CNBB, 2023, n. 7.

<sup>23</sup> *Ibid*, n. 9.



que nos predispõe a fazer um caminho no qual nos deixamos educar pela Palavra anunciada.

Na construção deste caminho de escuta da Palavra, podemos nos perguntar sobre a pertinência do gesto ritual do silêncio, para melhor vivenciar este momento da celebração. Os diversos rumores que povoam nossas vidas muitas vezes adentram as nossas ações litúrgicas e acabam dispersando as nossas assembleias. Estamos reunidos, mas não dispostos plenamente para vivermos a ação litúrgica em espírito e verdade.

A Palavra proclamada na liturgia ilumina e nos faz compreender o Mistério que somos chamados a celebrar. Na Palavra, a comunidade eclesial reunida é formada e exortada a viver a dimensão do discipulado de Jesus. Porém, para que esta formação seja eficaz, o gesto do silêncio se constitui em um importante caminho mistagógico, isto é, uma estrada segura para que nos encontremos com o Mistério que deve envolver a vida de todos aqueles que tomam parte da assembleia. “Na celebração litúrgica a Palavra de Deus não se exprime sempre do mesmo modo, nem penetra sempre nos corações dos fiéis com a mesma eficácia; mas Cristo está sempre presente em sua palavra e, realizando o mistério da salvação, santifica os homens e presta ao Pai o culto perfeito”.<sup>24</sup>

Na Liturgia da Palavra o gesto do silêncio litúrgico nos abre para um profundo diálogo com Deus. Por isso, escuta e silêncio são duas ações que se interrelacionam neste momento da celebração. Aqui não falamos de uma escuta e silêncio vividos de uma forma passiva, mas de um exercício de acolhida do Mistério que estamos celebrando e que se desvela à medida que a Palavra é proclamada em meio à assembleia. Durante a celebração litúrgica da Palavra de Deus, o silêncio é experienciado antes e entre a proclamação das leituras, após a homilia e durante a oração dos fiéis.

Após o amém da oração coletiva, a assembleia é exortada a sentar-se e colocar-se numa atitude de recolhimento para a acolhida da Palavra de Deus. O Senhor que congregou o seu povo para celebrar em Cristo, no Espírito, agora deseja por meio dos textos Sagrados comunicar-se e dialogar com a sua comunidade.

Para compreender a sua mensagem, é preciso fazer silêncio. Por isso, neste momento não cabe uma música instrumental de fundo, que acompanhe o gesto da proclamação da Palavra, mas aqui devemos apenas escutar. A nossa mente, corpo, coração e espírito devem estar voltados para o Senhor. Nada deve nos dispersar. Sendo assim, aqui o silêncio nos ajuda a voltar a nossa atenção para a mesa da Palavra, que nos prepara para

---

<sup>24</sup> Ibid, n. 4.

a mesa da Eucaristia. “Na Liturgia da Palavra, é, sem dúvida, o sentido da escuta o que está particularmente envolvido; nela Deus fala ao seu povo, para alimentá-lo com sua Palavra, e o povo responde a esta Palavra com palavras de fé, aclamações e orações”.<sup>25</sup>

Neste momento que antecede o anúncio da Palavra de Deus, vem se criando o hábito de se cantar algum refrão, que exorta à comunidade a experiência do silêncio e escuta. Todavia, é preciso utilizar-se destes refrões sem que eles ocupem o lugar do silêncio de recolhimento. O silêncio também é canto no Espírito.

A arte de bem celebrar a Palavra de Deus nos testemunha a necessidade de se silenciar entre a proclamação das leituras. Este silêncio nos exercita na acolhida da mensagem que a leitura proclamada deseja imprimir no coração humano, como forma de orientação das ações dos membros que formam a assembleia litúrgica. A proclamação da Palavra não deve se dar de um modo apressado. É preciso que cada palavra que compõe a leitura seja lida de forma audível, a fim de que a comunidade reunida a compreenda. O bom leitor, que se preparou para o exercício deste ministério anteriormente, é alguém que contribui para que os membros da assembleia se exercitem no silêncio e na escuta, que são necessários para a acolhida e meditação dos textos Sagrados. Na Liturgia da Palavra “a mente e o coração dilatam-se na meditação, no justo equilíbrio entre fala e silêncio.”<sup>26</sup>

A homilia é um outro momento em que somos exercitados para a prática do silêncio e da escuta. O rito renovado e reformado segundo as orientações do Concílio Vaticano II resgatou a importante prática, da explicitação da Palavra e exortação a vivê-la dirigida à assembleia, por parte daquele que a preside. O resgate da homilia contribuiu para evidenciar a dimensão educativa e catequética da Liturgia da Palavra. Além do resgate deste importante momento da Liturgia da Palavra, o novo *ordo missae* prescreve que após a explicação da Palavra proclamada, o presidente deve motivar a assembleia a viver o silêncio, com o escopo de ruminar a palavra proclamada e meditada. O silêncio aqui observado transforma-se num momento oportuno para se pensar nos elementos fundamentais da fé, com o escopo de se viver de um modo autêntico e salutar à vida cristã.

O silêncio aqui é rompido pela profissão de fé nos domingos e dias solenes ou pela prece universal. Aqui falamos do último momento da vivência do silêncio na Liturgia da Palavra. A prece universal é a Palavra de Deus transformada em oração. As

---

<sup>25</sup> CONFERÊNCIA EPISCOPAL ITALIANA. *Um missal para as nossas assembleias*: a Terceira Edição do Missal Romano, p. 43.

<sup>26</sup> Ibid, p. 43.

necessidades da Igreja, do mundo, da comunidade local, entre outras, são sempre expressas por um leitor e a cada pedido o silêncio da assembleia que acompanha atentamente a ação ritual é rompido por uma aclamação. Aqui se observa mais uma vez a importância do silêncio como ação ritual litúrgica, que gera a participação ativa de toda a assembleia.

O silêncio, como pudemos constatar, está unido à escuta. Na esteira da renovação e reforma da liturgia, ainda precisamos percorrer uma longa estrada, a fim de que ele seja vivido na sua plenitude e para que se resgate, sobretudo, a sua dimensão catequética e de caminho para nos encontrarmos com o Senhor, que se revela por meio de sua Palavra proclamada, que deve ser escutada no coração e vivida por toda a assembleia em espírito e verdade, nas ações cotidianas dos membros que a formam. Neste ponto, podemos asseverar que é preciso “educar à beleza do silêncio que acolhe e interioriza, guarda no coração a Palavra do Senhor”.<sup>27</sup> A atenta proclamação da Palavra de Deus e a vivência celebrativa deste momento nos prepara para viver a Liturgia Eucarística, onde o gesto do silêncio será experienciado de diversos modos, pela comunidade em oração.

### 3. UM SILÊNCIO OFERENTE

Alimentados pela Palavra de Deus, após meditá-la e rezá-la, os membros da assembleia celebrante são chamados a apresentar ao Senhor, em procissão, o pão e o vinho. Nestes dois sinais depositados no altar e apresentados a Deus, pelas mãos daquele que preside a ação litúrgica, a comunidade eclesial pode contemplar o fruto do seu trabalho. Juntamente com o pão e o vinho, podem também se apresentar, outras dádivas, que servirão para amenizar o sofrimento, daqueles que padecem com a falta de pão em suas mesas.<sup>28</sup>

A participação dos fiéis na apresentação dos dons não se esgota, portanto, com o levar ao altar o pão e o vinho para a Eucaristia, mas com o levar juntos ‘outras dádivas para prover às necessidades da Igreja e dos pobres’.<sup>29</sup>

O pão e o vinho apresentados pela Igreja em oração, logo após a prece eucarística e o rito da comunhão, são partilhados com o corpo eclesial que, já alimentado pelo pão

---

<sup>27</sup> CONFERÊNCIA EPISCOPAL ITALIANA. *Um missal para as nossas assembleias*: a Terceira Edição do Missal Romano, p. 44.

<sup>28</sup> CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Instrução Geral do Missal Romano*, n. 140.

<sup>29</sup> BOSELLI, Goffredo. *O sentido espiritual da liturgia*, p. 96.

da Palavra, agora é chamado à partilha do corpo e sangue do Senhor. Aqui contemplamos a unidade das duas mesas: a da Palavra e a da Eucaristia. Não é possível conceber uma Celebração Eucarística na qual falte uma destas mesas. Na “espiritualidade alimentada nestas duas mesas, a Igreja, em uma, instrui-se mais, e na outra santifica-se mais plenamente; pois na Palavra de Deus se anuncia a aliança divina, e na Eucaristia se renova esta mesma aliança nova e eterna.”<sup>30</sup>

Como fomos motivados a viver o gesto do silêncio litúrgico nos ritos anteriores, durante a Liturgia Eucarística também somos impelidos a experienciá-lo, a observar neste gesto um caminho mistagógico que continua a nos guiar para o coração do Mistério que estamos celebrando e atualizando, *per ritus et preces*. Por isso, pensamos que aqui seja oportuno recordar que a ação de se silenciar, para acompanhar os gestos de acolher, dar graças, abençoar e distribuir o pão e o vinho consagrados, seja a maior expressão de nossa profissão de fé, isto é, estamos diante de um Mistério que precisa ser contemplado, com o escopo de ser acolhido pela comunidade como alimento, que gera unidade, fraternidade, solidariedade e justiça. Uma vez mais, podemos constatar a unidade das duas mesas. “Numa, recorda-se a história da salvação com palavras; na outra, a mesma história se expressa por meio de sinais sacramentais da Liturgia.”<sup>31</sup>

Durante a Liturgia Eucarística, a assembleia reunida acompanha atentamente e silenciosamente a voz do presidente da celebração, seja ele o bispo ou presbítero, aqueles a que cabe à presidência da assembleia eucarística. Os gestos que estes realizam, como presidentes da oração comum, e as palavras que pronunciam, como representantes de Cristo, que é o verdadeiro presidente da celebração, motivam um frutuoso diálogo, entre presidência e assembleia celebrante. Aqui vemos intercalar a voz do presidente da ação litúrgica com a voz do povo de Deus congregado. O diálogo orante que aqui se constrói é continuidade da oração que teve seu início, no convite de Deus, aos membros do seu povo, para se congregarem em assembleia, com o intuito de que, participando do ministério sacerdotal de seu Filho, por Ele, no Espírito façam chegar ao seu coração um culto, que deve promover a santificação de toda a humanidade.<sup>32</sup>

A oração experimentada pela assembleia celebrante neste momento se constrói na alternância da palavra pronunciada e do silêncio que conduz a contemplação do Mistério,

---

<sup>30</sup> CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Introdução ao Lecionário*, n. 10.

<sup>31</sup> *Ibid.*, n. 10.

<sup>32</sup> CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Constituição Conciliar *Sacrosanctum Concilium* sobre a Liturgia da Igreja, n. 7.

que se revela por sinais, gestos, símbolos e palavras a comunidade reunida. Porém, na Liturgia Eucarística podemos ressaltar ao menos três momentos fundamentais de silêncio, a saber: durante a prece eucarística, após a distribuição do pão e do vinho consagrados à assembleia e no *oremos* da oração pós-comunhão. Estes momentos são precedidos por uma valiosa sequência de orações, que continuam, no desdobrar ritual da celebração da eucaristia, a desvelar o sentido do Mistério Pascal para toda a comunidade eclesial. Faz-se mister aqui asseverar que:

O rito da missa deixar-se á aos poucos remodelar em sua forma eucarística com dois eixos centrais: discipulado, nem duro, nem suave, mas de acordo com a radicalidade efetivamente possível às pessoas, e partilha, compreendida como um partir o pão que nasce de um ato de graça (gracioso e gratuito) do Senhor Jesus, e que convoca as liberdades das pessoas (racionalidade e afetos) a entrar nessa lógica.<sup>33</sup>

O silêncio durante a prece eucarística nos convida a duas ações, a saber: a da contemplação e a da adoração. Contemplar significa enxergar além daquilo que os nossos olhos podem ver. É entrar no coração do Mistério, permitindo que ele nos envolva por inteiro, a fim de que sejamos transformados por ele. O gesto de contemplar o Senhor que se faz alimento no altar, deve revelar o desejo da comunidade que se deixa tocar por Ele e ao mesmo tempo se transformar pelo seu Espírito. A prece eucarística que o presidente e aqueles que concelebram recitam, em nome da assembleia, é um caminho mistagógico, que contribui para a compreensão do que é viver a oração cristã e quem é o seu fundamento. Como nos assevera Ferrari: “A Oração Eucarística nos diz que Deus é cognoscível por meio da história, em uma experiência narrativa. De fato, na Oração Eucarística, nós descobrimos que Deus não é uma realidade para conhecer antes e somente racionalmente, mas para encontrar na oração e no diálogo”.<sup>34</sup>

Ao lado da contemplação, somos chamados também ao silêncio de adoração. Este gesto deve ampliar no coração do orante o desejo de logo mais aproximar-se da mesa do banquete, a fim de receber o corpo e sangue do Senhor, que logo mais serão divididos e distribuídos, em favor de toda a comunidade orante. Este silêncio é experimentado pela comunidade em oração, durante a narrativa do memorial.

Contemplar e adorar o Senhor silenciosamente neste momento é fruto da oração de uma comunidade eclesial que, alimentada pela Palavra de Deus, agora espera

---

<sup>33</sup> FLORIO, Mario. *Teologia Sacramental*. Temas e questões. São Paulo: Paulus, 2023, p. 271.

<sup>34</sup> FERRARI, Matteo. *A Oração Eucarística*. Uma “obra” reaberta pelo concílio. Brasília: CNBB, 2022, p. 122.

ansiosamente para alimentar-se do corpo e sangue de seu Filho, que contribui para a unidade de toda a Igreja.

O Mistério que a assembleia contempla com os seus olhos é a manifestação concreta de um Deus que continua, sacramentalmente, em meio à sua comunidade. Chegar a este momento da celebração é ter a consciência de um caminho que foi sendo construído, desde o momento da primeira ação ritual da celebração, que é o canto inicial. Infelizmente, em algumas comunidades, o silêncio que deveria nos ajudar a entender e a viver a unidade da prece eucarística é quebrado com o dobrar das sinetas. Isso demonstra que ainda não compreendemos os muitos propósitos da reforma e renovação da vida litúrgica da Igreja. No passado, a sineta tocava, a fim de orientar aqueles que estavam rezando outras orações, durante a missa, a suspendê-las naquele momento e depois da narrativa poderiam retomá-las.

A liturgia há muito vinha sendo compreendida como um serviço do clero. Todavia, a renovação e a reforma da liturgia nos apontaram um outro caminho de reflexão. Agora não seguimos mais um *ritus servandus*, mas a Igreja nos propõe um *ritus celebrandi*. Não somos chamados a viver apenas alguns momentos da celebração, mas, no exercício de um ministério, devemos viver toda a ritualidade de uma celebração, como caminho mistagógico de encontro com o Senhor.<sup>35</sup> Rezar e participar da prece eucarística como assembleia é entender que: “Na Oração Eucarística, a narração das obras de Deus para a salvação da humanidade é relida e interpretada na epiclese e na narrativa institucional à luz da Páscoa de Jesus que transforma a vida do fiel, a fim de não mais vivermos para nós, mas para ele, que por nós morreu e ressuscitou”.<sup>36</sup> Para acolhermos tal verdade, é preciso silenciar-se e deixar-se educar pelo Mistério que se dá a nós em cada ação litúrgica.

Ainda precisamos recordar o silêncio após a nossa participação na mesa do banquete. Este silêncio se une àquele que fazemos depois da homilia, que é um convite para ruminarmos a Palavra anunciada e meditada por aquele que preside a assembleia. O silêncio após o rito da comunhão nos recorda que a participação no banquete do Senhor, confirma o nosso desejo de sermos com Cristo, um único corpo. Ele nos faz conscientes de que a concretude do reino de Deus está na partilha, que nos faz irmanados em um único ideal, isto é, viver por, com e em Cristo. Quando não permitimos o silêncio neste

---

<sup>35</sup> FRANCISCO. Carta Apostólica *Desiderio Desideravi* sobre a formação do Povo de Deus, n. 10.

<sup>36</sup> FERRARI, Matteo. *A Oração Eucarística*. Uma “obra” reaberta pelo concílio, p. 125.

momento, perdemos a oportunidade de escutar a voz do Mistério, que deseja nos formar para uma vida segundo o Espírito de Deus. “Aceitar que Jesus viva em nós a sua vida, a sua oferta ao Pai, a sua oração – *Abbá* – significa aceitar arriscar a própria vida”.<sup>37</sup>

Por isso, uma das grandes tarefas para as nossas assembleias litúrgicas e, sobretudo, para aqueles que exercem o ministério do coro é que ao término da distribuição do corpo e sangue do Senhor se cesse o canto, a fim de que a Igreja em oração tenha a oportunidade de se recolher, buscando rezar o sentido de sua participação no banquete do Senhor. Tal oração, não é uma fuga da assembleia celebrante da realidade em que se encontra inserida, mas é uma tomada de consciência do papel que os seus membros devem exercer no mundo, alimentados pelo sacramento, que deve gerar a unidade dos cristãos. “A comunhão eucarística é o ápice do contato espiritual, que se torna assimilação e deleite, para provar e ver como o Senhor é bom (Sl 34,9)”.<sup>38</sup>

A assembleia que se congregou para alimentar-se do pão da Palavra e do pão Eucarístico, agora é chamada a ser alimento para um mundo, que busca cada vez mais cancelar a presença de Deus em meio à humanidade. “A intimidade e o imediatismo dos códigos de encontro (tato, olfato, paladar) fazem da Comunhão Eucarística a fonte e ápice de uma mística cristã que não tem medo de entregar o dom mais espiritual na experiência mais material”.<sup>39</sup>

É preciso ainda evidenciar o silêncio que somos motivados a viver, com o oremos antes da recitação da oração pós-comunhão. A comunidade, mesmo já tendo se recolhido em oração por alguns minutos, após este convite do presidente da celebração, para a última oração, ainda se recolhe no silêncio por mais um tempo. Nunca é desnecessário pensarmos nos frutos que podemos recolher da nossa participação em tão grande sacramento. Aliás, a oração que segue este momento ressaltará à necessidade de nos deixarmos moldar, pelo sacramento que recebemos, para uma vida discipular. “Ser aquilo que se recebe, este é o *mandatum eucharisticum*, o mandato eucarístico. Por isso, a expressão “comunhão” não indica apenas o ato do comer o pão eucarístico, mas também a razão, a finalidade para a qual os cristãos se alimentam: ser Igreja-comunhão, formar um só corpo em Cristo”.<sup>40</sup>

---

<sup>37</sup> MONGES CARTUXOS. *A Igreja em oração*. Brasília: CNBB, 2024, p. 65.

<sup>38</sup> CONFERÊNCIA EPISCOPAL ITALIANA. *Um missal para as nossas assembleias*: a Terceira Edição do Missal Romano, p. 44.

<sup>39</sup> Ibid, p. 44.

<sup>40</sup> BOSELLI, Goffredo. *O sentido espiritual da liturgia*, p. 114.

Se quisermos sintetizar os diversos momentos de silêncio, que somos chamados a viver durante a Liturgia Eucarística, podemos aqui denominá-los de silêncio oferente. Escolhemos esta denominação, por perceber que neste momento, com Cristo, somos chamados a apresentar e a ofertar ao Pai, as nossas vidas. Tal gesto nós não o realizamos sozinhos, mas Cristo o faz conosco. Isso para que se supere qualquer imobilismo, que nos impeça de viver a unidade com o corpo do Senhor. Buscar a unidade do corpo de Cristo, a partir da celebração, é um importante indicativo de que, por meio dos diversos momentos de silêncio que fomos convidados a viver durante esta parte da celebração, começamos a compreender o que é ser Igreja discípula-missionária de Cristo. Comunidade que oferece, agradece, parte e distribui o pão e o sangue do Senhor.

#### **4. UM SILÊNCIO QUE NOS ENVIA A PROCLAMAR UMA BOA NOTÍCIA**

Convocados pelo Pai, com Cristo e no Espírito, somos exortados a celebrar e a atualizar o Mistério Pascal. Como assembleia celebrante participamos da mesa da Palavra e da mesa Eucarística. Por meio de ritos e preces adentramos o Mistério da nossa fé. Esta experiência celebrativa, quando vivida de um modo ativo, pleno, consciente e frutuoso (SC, n. 48), é sinal de que conseguimos compreender que a liturgia é sempre ponto de chegada e ponto de partida, *fons et culmen* de toda a vida cristã.<sup>41</sup> Partindo desta afirmação é possível asseverar que: na liturgia a comunidade eclesial celebra e renova a sua identidade discipular. Boselli, recordando Dom Hélder Câmara, afirma: “na celebração inteira da Eucaristia ouvimos dizer que nós somos irmãos e nos dirigimos a um único Pai”.<sup>42</sup> Por isso, toda ação litúrgica tem o seu momento de convocação e congregação da assembleia, bem como do seu envio ou dispersão, em vista do anúncio do Evangelho. Dom Hélder continua nos ajudando a pensar este momento quando assevera:

Nos inícios da Igreja, os pagãos ficavam chocados vendo como se amavam aqueles que recebiam o pão da vida, não de maneira teórica, mas de modo prático e através de ações. O mundo tem de novo necessidade de nosso testemunho: que se ouça, se veja, se descubra que a eucaristia nos leva a viver a justiça e o amor como as únicas vias de uma paz verdadeira.<sup>43</sup>

---

<sup>41</sup> CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Constituição Conciliar *Sacrosanctum Concilium* sobre a Liturgia da Igreja, n. 10.

<sup>42</sup> BOSELLI, Goffredo. *O sentido espiritual da liturgia*, p. 183.

<sup>43</sup> Ibid, p. 184.



Desse modo, após termos tratado do gesto litúrgico do silêncio nos ritos iniciais, durante a Liturgia da Palavra e no decorrer da Liturgia Eucarística, a tarefa que agora nos impomos é de tratá-lo nos ritos finais. Assim, como fomos acolhidos pela Trindade ao início da celebração, agora por ela seremos enviados. A Celebração Eucarística está se encerrando, a comunidade que se encontra reunida, agora irá se dispersar. Todavia, esta dispersão nos recorda claramente o mandado do Ressuscitado aos seus discípulos: “ide por todo o mundo e a todos pregai o Evangelho”. Aqueles que se reuniram para celebrar e que tiveram a oportunidade de entrar, durante a ação litúrgica no coração do Mistério Pascal, agora são convocados a exemplo dos primeiros discípulos a proclamar que Cristo está vivo no meio de nós. Com Midilli podemos corroborar:

Participar da Eucaristia não pode reduzir-se a uma assistência, com uma atitude de espectador, ou de um ouvinte passivo e indiferente, contrariamente, a celebração deve suscitar a mesma experiência de ardor que caracterizou o encontro dos discípulos de Emaús, por meio de uma valorização dos registros simbólicos, e deve suscitar no coração o desejo de anunciar, [...] o desejo de servir aos irmãos.<sup>44</sup>

Os ritos finais são marcados pela bênção sobre o povo de Deus, que está reunido em assembleia, e do seu envio, como comunidade, que no partir do pão sentiu arder o seu coração, por isso, não é possível voltar atrás. É preciso colocar-se a caminho, a fim de que outros, pelo testemunho dos discípulos conheçam a Cristo e por Ele se deixem guiar, no Espírito.

A bênção final de uma celebração é acompanhada pelo gesto da imposição das mãos sobre o povo. O gesto neste momento nos recorda a invocação do Espírito de Deus sobre a comunidade discipular. É o Espírito que anima e faz caminhar os discípulos do Senhor. Através dele recebemos o dom da ciência e da sabedoria, para comunicarmos uma Boa Notícia, que de fato seja capaz de transformar a existência humana, que caminha ao encontro do seu Senhor.

Neste momento da bênção final, a comunidade é chamada a silenciar-se e acompanhar atentamente as palavras proferidas pelo presidente da celebração, que invoca de Deus a necessária proteção sobre aqueles que, cheios do Espírito, são convocados a colocarem-se a caminho, com a finalidade de evangelizar. O Senhor está em meio a assembleia e ela reconhece esta verdade ao responder à exortação do presidente que afirma: “O Senhor esteja convosco”. A cada uma das invocações ou oração sobre o povo,

---

<sup>44</sup> MIDILI, Giuseppe. O Domingo. Brasília: CNBB, 2023, p. 52.

a resposta é “amém”. Esta palavra pronunciada pelos lábios daqueles que formam a assembleia celebrante é expressão viva de uma comunidade de fé, que se compreende como Corpo Místico do Senhor. Sentir-se parte do corpo de Cristo é ter consciência de que: “A eucaristia é o encontro vivo com Jesus, que se aproxima de todas as situações da vida, trazendo luz e força, cura e salvação”.<sup>45</sup>

Abençoada pelo Senhor, com Cristo e no Espírito Santo, a comunidade agora é enviada a partir, a colocar-se a caminho, a evangelizar um mundo marcado por grandes transformações, pois para a comunidade em oração, a Eucaristia é “dom que Jesus nos deixou para vivermos em relação com Ele todas as horas do nosso caminho, especialmente as mais delicadas e decisivas”.<sup>46</sup>

A assembleia se dispersa durante o canto de envio; porém, pouco a pouco o silêncio vai tomando conta dos corações daqueles que viveram a celebração como espaço de encontro com o Senhor. O silenciar-se aqui não está ligado a uma atitude de omissão, mas de um encontro profundo com o Senhor.<sup>47</sup>

Como nos ensina o documento de Aparecida, é do encontro com o Cristo, que nascem os verdadeiros discípulos do Senhor. Os evangelhos nos testemunham isso, bem como as iniciativas eclesiais contemporâneas. A celebração eucarística não termina, mas ela é continuada na vida dos iniciados na fé, que são exortados a tornar o Cristo, a Palavra viva e encarnada do Pai, presente no mundo de forma sacramental. “O vínculo eucarístico exige e alimenta a práxis do discipulado”.<sup>48</sup>

O gesto do silêncio que acompanha cada um dos ritos da celebração eucarística, pode ser compreendido como um fio de ouro que vai unindo cada uma das partes de uma celebração. Por isso, se a liturgia nos proporciona um profícuo encontro com o Senhor, o gesto de silenciar-se contribui para que este encontro seja, de fato, fonte de inspiração e decisão, para uma vivência autêntica da fé, que nos faz ser sal e luz no mundo.

O silêncio vivido antes, durante e depois da celebração nos ajuda sempre a pensar no caráter comunitário da liturgia.<sup>49</sup> Isso porque não celebramos sozinhos. De muitos cantos chegamos para juntos, como um único corpo, em Cristo, celebrar o Mistério de

---

<sup>45</sup> CONFERÊNCIA EPISCOPAL ITALIANA. *Um missal para as nossas assembleias*: a Terceira Edição do Missal Romano, p. 48.

<sup>46</sup> Ibid, p. 48.

<sup>47</sup> FRANCISCO. Carta Apostólica *Desiderio Desideravi* sobre a formação do Povo de Deus, n. 10.

<sup>48</sup> FLORIO, Mario. *Teologia Sacramental*. Temas e questões, p. 270.

<sup>49</sup> GRILLO, Andrea. *Eucaristia*. Ação ritual, formas históricas, essência sistemática. São Paulo: Loyola, 2024, p. 407.

nossa fé. Unidos em assembleia, somos chamados a viver a ação litúrgica como momento oportuno de atualização da *historia salutis*. Assim, como chegamos de muitas partes para celebrar, agora em comunidade somos enviados a ir a muitos lugares, como missionários-discípulos do Senhor, arautos de sua Palavra.

Nenhum autêntico discipulado se constrói sem uma autêntica vida litúrgica. Para um verdadeiro seguimento da pessoa de Cristo, encontramos na liturgia uma importante escola. E, sobretudo, no gesto do silêncio, um autêntico exercício para aprendermos a escutar e a meditar aquilo que é necessário, para sermos enviados em paz, a fim de semeá-la no mundo, na busca cotidiana de ampliarmos, cada vez mais, os laços de fraternidade, que geram novos céus e nova terra.

Para vivermos o silêncio em cada parte de uma celebração litúrgica, é preciso deixar-se guiar pelo Espírito de Deus, dando espaço para que o Mistério se comunique a nós, sem nos vendermos a tentação do desejo de esgotá-lo. Na liturgia não chegamos de qualquer modo. Dela não podemos partir vazios, pois nela celebramos o amor de um Deus, que não se cansa de visitar a sua criação, de abençoá-la e enviá-la.<sup>50</sup>

## CONCLUSÃO

Passados alguns anos da reforma e renovação dos *ritus et preces*, propostos para da Celebração da Eucaristia, somos conscientes de que ainda precisamos empreender muitos esforços, para que a comunidade celebrante vivencie a experiência do silêncio litúrgico. Faz-se mister, o resgate da sua importância, como caminho para a motivação da participação ativa dos fiéis na liturgia e como estrada para alcançarmos o Mistério Pascal, que deve envolver todas as atividades eclesiais.

A sua experiência na ação litúrgica nos ajuda a valorizar a Palavra que escutamos e rezamos em cada liturgia, a resgatar a sua força plasmadora, que nos exorta a ter os mesmos sentimentos de Jesus, nos testemunhando que o gesto de silenciar não é omissão, mas busca por uma vida segundo o Espírito de Cristo. É dar espaço para que a Palavra atue na vida daquele que a escuta.

O silêncio vivido como parte integrante da ação litúrgica nos ajuda a viver a Liturgia Eucarística como momento de santificação. Alimentados pelo corpo e sangue de Cristo, somos chamados a imitá-lo e continuá-lo no testemunho do Reino. Se o

---

<sup>50</sup> CONFERÊNCIA EPISCOPAL ITALIANA. *Um missal para as nossas assembleias*: a Terceira Edição do Missal Romano, p. 63.

reconhecemos no partir do pão, é preciso que este pão seja partilhado com outros. A liturgia é um modo de dividirmos com outros esta experiência.

Viver o silêncio litúrgico é dispor-se a viver a vida cristã com profecia e audácia missionária. É entender a liturgia como escola e fonte primeira de espiritualidade cristã. Tal compreensão nos ajuda a participar da Eucaristia, não a compreendendo como uma mera repetição ritual ou o balbuciar de preces, mas como momento fundamental de atualização da história da salvação. Celebração importante que nos ajuda a atualizar a Páscoa de Cristo, na Páscoa da comunidade eclesial, corpo vivo do Senhor. Entre os muitos gestos que nos ajudam a viver este momento de atualização do Mistério, está o do silêncio, que jamais será um apenas cessar das palavras, mas abertura para a acolhida e escuta dos apelos do Espírito.

Há pouco tempo recebemos no Brasil, a tradução da *Tertia Editio Typica* do Missal Romano para a nossa língua. Ainda são muitos os elementos, que nos ajudam a rezar que precisamos conhecer deste livro. Muitos são os esforços que devemos empreender, para viver a sua *ars celebrandi* (Conferência Episcopal Italiana, 2024, p. 34). Todavia, um gesto que ele indica e que não podemos deixar passar é o do silêncio, que nos faz sair de nós mesmos, para estarmos em comunidade com Cristo, no Espírito, elevando um culto ao Pai, em vista da santificação do ser humano, obra prima de Deus.

## BIBLIOGRAFIA

BUCCIOL, Armando. *Os sinais e símbolos, gestos e palavras na liturgia: para compreender e viver a liturgia*. Brasília: CNBB, 2019.

BOSELLI, Goffredo. *O sentido espiritual da liturgia*. Brasília: CNBB, 2017.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Constituição Conciliar *Sacrosanctum Concilium* sobre a Liturgia da Igreja. São Paulo: Paulus, 2007.

CONFERÊNCIA EPISCOPAL ITALIANA. *Um missal para as nossas assembleias: a Terceira Edição do Missal Romano*. Brasília: CNBB, 2024.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Instrução Geral do Missal Romano*. Brasília: CNBB, 2023.

\_\_\_\_\_. *Introdução ao Lecionário*. Brasília: CNBB, 2023.

FERRARI, Matteo. *A Oração Eucarística*. Uma “obra” reaberta pelo concílio. Brasília: CNBB, 2022.

FLORIO, Mario. *Teologia Sacramental*. Temas e questões. São Paulo: Paulus, 2023.

FRANCISCO. Carta Apostólica *Desiderio Desideravi* sobre a formação do Povo de Deus. Brasília: CNBB, 2022.

GRILLO, Andrea. *Eucaristia*. Ação ritual, formas históricas, essência sistemática. São Paulo: Loyola, 2024.

\_\_\_\_\_. *Ritos que educam*. Os sete sacramentos. Brasília: CNBB, 2017.

GUARDINI, Romano. *O Espírito da Liturgia*. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2017.

JUSTINO DE ROMA. *I e II Apologias – Diálogo de Trifão*. São Paulo: Paulus, 2013.

MIDILI, Giuseppe. *O Domingo*. Brasília: CNBB, 2023.

MONGES CARTUXOS. *A Igreja em oração*. Brasília: CNBB, 2024.

PASOTI, Ezechiele. *O esplendor da liturgia cristã*. Do Concílio de Trento ao Concílio Vaticano II. O desafio de uma nova pastoral à luz da Carta Apostólica *Desiderio desideravi* do Papa Francisco. São Paulo: CERM-Loyola, 2025.

Recebido em julho de 2025.

Parecer em outubro de 2025.

Publicado em dezembro de 2025.